

De: Ariel de Castro Alves <ariel.alves@uol.com.br>
Responder para: per_educa@yahoogrupos.com.br
Enviado: quinta-feira, 4 de maio de 2006 23:25:57
Para: <per_educa@yahoogrupos.com.br>
Assunto: [per_educa] Febem (site: reportersocial.com.br)

     Caixa de Entrada

29/04/2006 08:08h

FEBEM, 30 ANOS – Monitores denunciam "política do couro" em ano eleitoral

por ALCEU LUÍS CASTILHO

SÃO PAULO - "Tal como descrito pelos trabalhadores, existe na instituição a 'política do couro'. Esta política incentiva a contenção com uso de força física em períodos eleitorais, estabelecendo assim uma diretriz de trabalho baseada na 'linha dura', recomendada, incentivada e reconhecida pela instituição, através das direções de unidade. O objetivo de tal política seria o de evitar ao máximo os tumultos e as rebeliões e suas repercussões na mídia. *'Os diretores, em off, passam para os funcionários o quê? Que tem que segurar a casa porque é ordem do governador, que é ano eleitoral.'*"

O trecho acima, em que se destaca (em itálico) a declaração de um monitor da Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor de São Paulo, está no relatório "O Trabalho dos Monitores na Febem". O texto foi divulgado na segunda-feira (24 de abril) pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro), ligada ao Ministério do Trabalho e Emprego.

Os relatos foram feitos de forma anônima, entre 2003 e 2005. A pesquisa foi feita a pedido do Sindicato dos Trabalhadores em Assistência ao Menor e à Família do Estado de São Paulo e Febem (Sitraemfa).

"Para a execução da 'política do couro' os monitores realizam horas-extras com autorização da instituição. Isso para os trabalhadores é extremamente convidativo, pois aumenta seus salários e ao mesmo tempo resolve o problema de falta de funcionários, conseguindo assim 'segurar a casa'. *'Começa-se a pagar hora-extra e a obrigar os funcionários a fazer hora-extra. Então numa ala que você tem 4, 5 trabalhadores, trabalhando, você vai ter 10, 12.'*"

Outra versão

A presidente da Febem, Berenice Gianella, estava presente ao evento e apresentou outra versão para a proliferação de horas-extras na instituição. "Tem funcionário que provocava rebelião para ganhar hora-extra", afirmou, ao lado de uma promotora do Ministério Público do Trabalho e de representante da fiscalização do Ministério do Trabalho.

A Febem acaba de completar 30 anos.

30/04/2006 13:18h

FEBEM, 30 ANOS – Relatos exibem o cotidiano do abuso e do descaso

1. OS MONITORES

Entre 2003 e 2005, 65% dos atendimentos a funcionários da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem) no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador da Mooca identificaram quadros de transtorno mental. Os dados corroboraram um levantamento feito pela Delegacia Regional do Trabalho (DRT/SP) em 2003, relativo aos benefícios concedidos pelo INSS entre 1998 e 2003. Neste levantamento, 60% dos diagnósticos apontavam o mesmo problema: transtorno mental. Os relatos dos monitores à Fundacentro explicam o porquê.

Leia, a seguir, alguns trechos do relatório e, em itálico, declarações dos monitores.

As ameaças:

"O menino solicita o monitor constantemente, pedindo um cigarro, uma caneta, um tênis, a camisa, o relógio do monitor. Em geral esses pedidos são acompanhados de posturas ameaçadoras por parte dos meninos, ou seja, dar um apavoro ou dar um psico no monitor para que ele faça o que o menino quer. É uma prática constante e os monitores referem que não podem ceder, têm que dizer não, pois se cederem uma vez podem até levar drogas, celulares, etc."

O papel:

"O nosso papel lá até então é de educador, se eles nos enquadrarem com estilete eu dou a chave e deixo ir embora. Esse é um conselho que eu passo pra minha equipe de funcionários: não deixo ninguém ir pro confronto, não peite o estilete porque é bobeira."

Segundo os funcionários, a capacitação para o trabalho de educadores – mas com situações de segurança – dura apenas três dias, quando existe.

"*Não há capacitação para o acompanhamento do menino em atividades externas nem nenhum tipo de treinamento em defesa pessoal.*"

Quando morre alguém da família, o interno tem direito a ir ao local, acompanhado de dois monitores. Na prática, vai um só:

"(...) quando esse menino chega lá que ele se depara, dentro do cemitério, ali vai estar a família dele e vai estar os comparsas dele. Na maioria das vezes estão os comparsas. A probabilidade desse menino voltar é zero vírgula alguma coisa. Depende da cabeça do menino, se ele quer voltar ou não, porque se esse menino não quiser voltar, tchau."

No fim das contas, a transformação soa inevitável para alguns:

"*Eu comecei a mudar a minha posição, o jeito que eu lidava com a situação, comecei a mudar e a virar o linha-dura e soltar o 'bicho solto' que tem dentro, soltar o bicho que tem dentro de cada um, tá certo? Comecei a soltar esse ser para fora e aí comecei a ter problemas dentro de casa, porque a minha mãe já não me conhecia mais, tinha uma namoradinha, me largou também e aí começou uma série de fatores, né, aconteceu e eu virando o 'bicho solto'. Depois que você muda seu jeito de ser, você percebe que as pessoas começam a te valorizar.*"

Outros ficam com depressão:

"*Olha, a depressão eu comecei assim, porque de repente eu comecei a perceber que dentro da unidade muita coisa me irritava, eu ficava nervosa, eu via determinadas coisas que eu ... (...) Teve muitas vezes que eu segurei unidade como coordenadora, no caso de férias de alguém, eu assumia e chegaram casos de um menino me tirar fora do sério.*"

E outros têm destinos trágicos:

"*No meu caso foi mais bebida, tinha outros que entraram nas drogas, saíram da Febem, abandono de emprego, tem outros que partiram pro crime, foram presos, foram pra cadeia, tem muitos caras que bebem ainda hoje na Febem, entendeu? Na hora dos intervalos.*"

2. A INSTITUIÇÃO

"A Febem nunca falou o que quer da gente", repetiram vários monitores à Fundacentro.

Os relatos mostram também as condições físicas de trabalho:

"*Porque a população que tá lá é pesada, as casas superlotadas, não existe separação por idade, faixa etária, não existe acomodação para todos, material de higiene tá faltando, condições pedagógicas inexistentes, atividades esportivas estão fazendo, mas tendo muita briga entre os menores, existe grupo rival, facções criminosas.*"

Segundo os funcionários, ou não há instruções suficientes para o cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, ou é a própria instituição que o descumpre. Eles descreveram à Fundacentro a existência de uma classificação entre os internos, feita pelos próprios adolescentes, completamente à margem das medidas sócio-educativas que uma Fundação deveria oferecer:

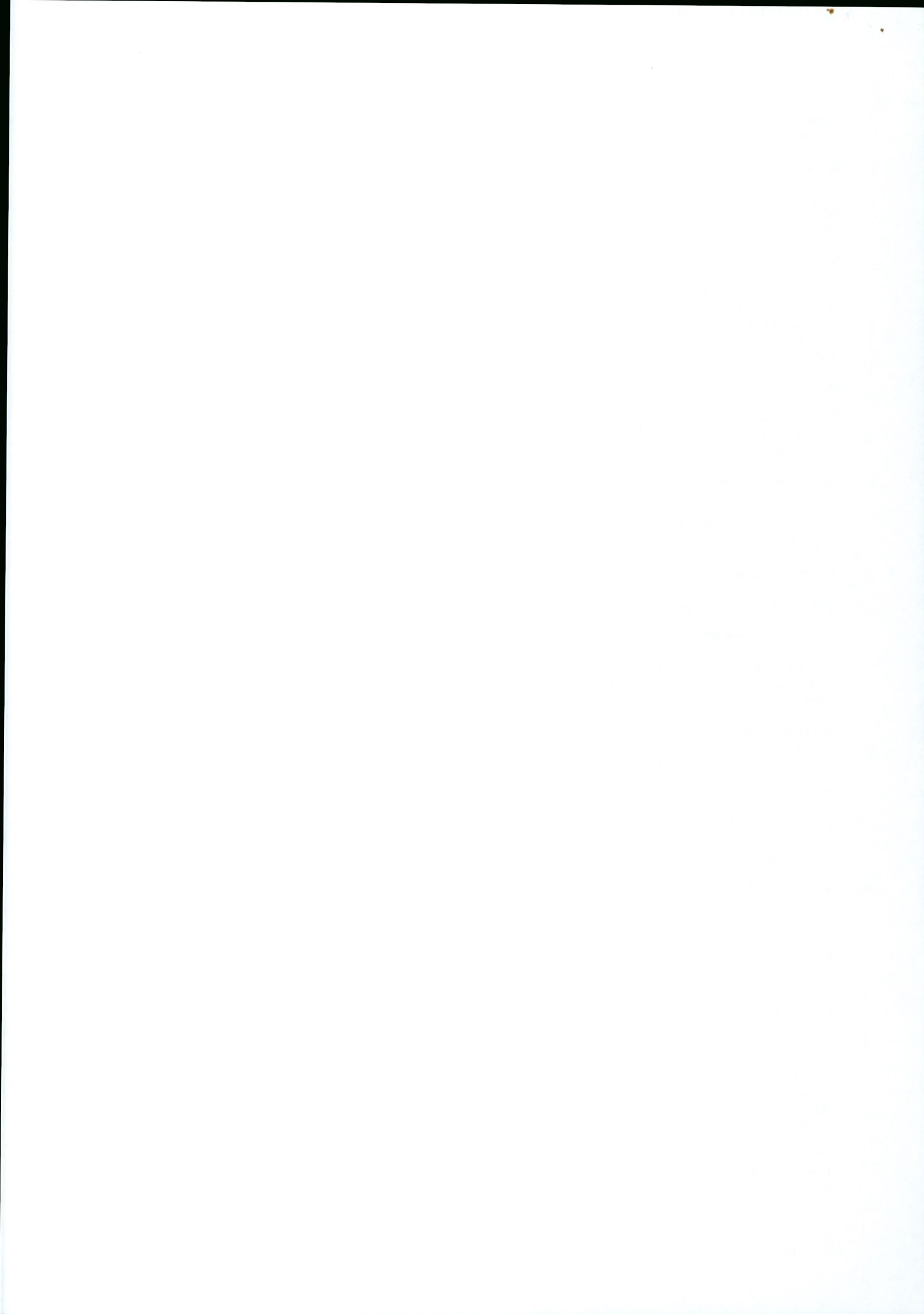
- 1) *A Arma do Bandido* – são internos utilizados por outros para cometer infrações.
- 2) *Gardenal* - adolescentes com transtorno mental.
- 3) *Jack* - autores de estupros.
- 4) *Laranja* - 'filhos de pais de família', adolescentes em melhor situação econômica.
- 5) *Bandidos* - integrante de quadrilha.
- 6) *Piloto* - líderes.
- 7) *Seguro* - jurados de morte, entre eles os "Jack" e "Gardenal".

Mas por que isso ocorre?

"*A forma de construção do prédio, ela traz bastantes características para que se crie um barril de pólvora.*"

"*Tem umas coisas faraônicas, que a gente não entende até hoje: primeiro inaugurou a 30 (complexo de Franco da Rocha), os meninos passaram alguns meses lá, fizeram uma grande rebelião. A Febem tentou readequar a 31, estava nova, ela já passou por uma reforma, nova, sem receber menino! Readequação porque pressentiram que tinha uma coisa frágil na 30 (...) quebraram as camas de concreto lá, já cataram os ferros para furar os funcionários.*"

Um dos relatos mostra os bastidores da maior rebelião da história da Febem, no extinto complexo Imigrantes, em 1999, quando um dos adolescentes foi decepado pelos colegas. O contexto era de alcoolismo e consumo de drogas entre os funcionários:



"Na hora do almoço, ia almoçar, nooossa! Na hora da janta também bebia, entendeu? Isso era a maioria dos funcionários, muito funcionário, iche! Aí, uns já começaram, não conseguiam mais dormir, já ficavam, já começaram a tomar remédio antidepressivo, assim foi indo. Aí começou rebelião, teve um colega meu que ficou na ponta da faca, ta na primeira página do jornal, na última rebelião, eu tava lá no dia, vi a cabeça do moleque, jogaram a cabeça no pé da gente, por sorte que eu consegui escapar, sob telhada, paulada eu consegui sair de lá."

3. OS DIRETORES

Os relatos dos funcionários dão conta do perfil conivente de alguns diretores. No linguajar local, são chamados de "paga-pau".

"É o diretor que negocia o seu cargo", informa a Fundacentro. "É aquele diretor que compra pizza e coca-cola do dinheiro do bolso dele para os meninos para garantir que a casa não vai ter rebelião. Ele negocia com os pilotos, com as lideranças da casa."

No dia da apresentação do relatório, no auditório da Fundacentro no Jardim Paulista, a presidente da Febem, Berenice Gianella, disse que ao visitar uma das unidades estranhou ser acompanhada de vários internos, em qualquer lugar onde ia. Foi informada que eram os "faxinas", mesma denominação utilizada para os líderes nos presídios.

Durante uma rebelião, a postura desses diretores têm conseqüências, informa a Fundacentro: "A casa desandada (controle na mão dos internos), nas mãos dos meninos com a conivência do diretor paga-pau e de monitores sem uma postura firme, pode abrir precedentes para troca de favores, como levar celular e até drogas para dentro das unidades, e favorecer a ausência de rotina e a resistência a essa rotina por parte dos meninos."

Em casos opostos, há pressão sobre os funcionários pela linha-dura, como mostra este depoimento registrado no relatório:

"O diretor não pegava na minha mão, não me cumprimentava, poucos colegas me cumprimentavam. Aí eu então falei: estou numa situação difícil. Então eu comecei a mudar o meu jeito de ser, comecei a ficar ruim que nem eles, comecei a ficar duro que nem eles, eu comecei a enrijecer e largar a minha humanidade e sanidade pra poder enrijecer e ficar junto com os mano..."

Para outro monitor, há duas formas de lidar com os internos:

"Vocês têm dois jeitos de conseguir convencer adolescentes a fazer o que quer. Um deles é a porrada. É, tô sendo realista, um deles é a porrada, né? Ou você chega no cara (...) e 'pum-pum' e o outro é idéia. E para trocar idéia, me desculpa, o indivíduo precisa falar a linguagem do adolescente senão ele não consegue convencer."

Outros diretores são descritos pelos funcionários como alienados. São burocratas e, dos gabinetes, nem imaginam o cotidiano da instituição:

"A diretora tinha acabado de comprar o taco de beisebol, aí falei, gente, vocês são loucos, isso tem que ficar guardadinho aqui (...) não passa isso pros meninos, porque vai acontecer isso, isso e isso, então tem pessoas que entram na direção de uma casa e eles não têm a mínima noção do pátio, entendeu?"

Outra diretora, segundo os trabalhadores, levava sua cachorra para o interior da unidade:

"O animal atacou alguns funcionários, inclusive uma funcionária grávida... a diretora ainda lava e seca as roupas da cachorra junto com as dos adolescentes..."

4. OS INTERNOS

No meio do tiroteio entre funcionários e direção estão eles: os internos. Sob risco de vida, como aponta o relatório. "Quando o ECA não é cumprido, o menino é colocado em situação de risco de vida, porque em uma mesma unidade são colocados grupos de facções rivais. O monitor, em sua função, deve proteger o interno, o mais fraco e o mais forte, além de conter o mais forte", diz um dos trechos.

Amontoados:

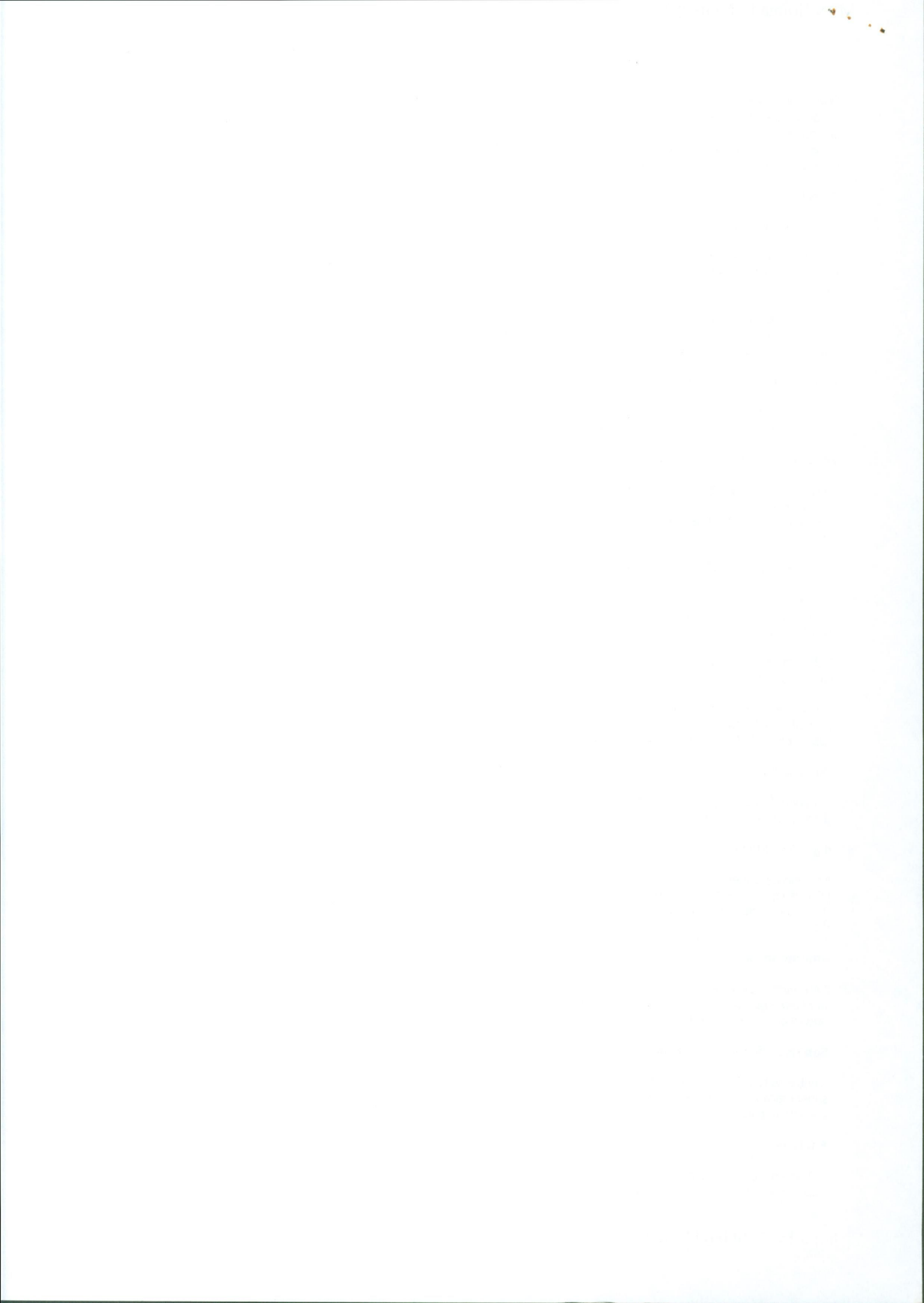
"Na minha opinião a forma de se evitar é colocar por faixa etária, a proporcionalidade do grau infracional, tem que ser igual também e quarto com menos gente, esse quarto com 5 pessoas é um crime (...) Cinco, seis, isso quando não tem sete, num quarto que é para atender dois adolescentes."

Sob risco de violação sexual:

"(Entre as funções do monitor está) evitar que os meninos sejam maltratados por outros meninos (Ex.: estupro). A superlotação das unidades favorece este tipo de prática especialmente à noite quando estão recolhidos para dormir, sendo impossível para o monitor impedir tal prática, mesmo que realize as habituais rondas."

Em fuga:

"O nosso papel hoje é de educador, nós não estamos ali pra correr atrás de menor em fuga, então vamos evitar até onde nós pudermos. Abriu a porta, começou a correr, deixa correr porque se você correr atrás, ele bater a cabeça no chão e morrer,



você vai responder pelo processo. É melhor você responder o processo com ele vivo do que com ele morto."

Durante uma rebelião:

"Eu devia ter uma semana de Fundação, mas está registrado até hoje na minha mente. Eles fizeram a rebelião pra poder chamar a atenção dos funcionários e, em paralelo, pegaram um menor que tinha isqueirado (delatado), contando uma inverdade a respeito do outro, e massacraram esse menor. Tem um lado interessante: massacraram e eu simplesmente corri lá no meio deles, tirei o moleque do meio, o moleque já todo ensangüentado, socorremos o menor, enfermaria, PS."

Após uma rebelião ou tumulto:

"Quando o movimento é apenas de tumulto, monitores e coordenadores experientes controlam a situação no grito. A primeira coisa é ficar de pé, se estiver sentado; bater a cadeira no chão e gritar pára, pára. Após o controle da situação, forma-se todos os meninos no pátio, só de coruja e dá uma lição de moral neles." ("Formar de coruja" significa ficar só de cueca.)

Um relato de monitor, registrado no relatório, sobre a falta de plano de carreira entre os funcionários sintetiza a visão de todos sobre os internos:

'À noite sempre é os mais antigos, porque a noite é como se fosse um prêmio (...) Então, é uma promoçõozinha que você recebe porque eles não dão outro meio de vida pra pessoa, não tem outros cargos... Se eu for um cara bem visto, quiser dar aquilo como prêmio, manda ele pra noite.'

À noite os adolescentes estão dormindo. Ou, como os próprios monitores relataram, sendo violados.

Alceu Luís Castilho



De: natalia noguchi <nataliafcnoguchi@hotmail.com>
Responder para: per_educ@yahoogrupos.com.br
Enviado: domingo, 30 de abril de 2006 11:22:53
Para: per_educ@yahoogrupos.com.br
Assunto: [per_educ] simpósio: a escola e o adolescente em conflito com a lei.

Oi, pessoas,
Optei por copiar e colar o cartaz do evento. Vamos ver se agora dá certo...
Natália

“A escola e o adolescente em conflito com a lei: lugar de marginalização ou cidadania?”

• **Objetivo** — Analisar as contradições existentes na proteção do direito à educação escolar para os adolescentes em conflito com a lei, problematizando-se a relação entre marginalização social e escolar e apontando possibilidades de intervenção sócio-educativas.

• Exibição de vídeo “*O Futuro do Brasil não merece Cadeia*”

• Mesa redonda com os convidados:

Marcelo Domingues Roman — psicólogo, diretor-executivo da *Associação Fique Vivo*, doutorando em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – IPUSP.

Juliana S. Lopes — psicóloga, mestranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, membro do LIEPPE – IPUSP e professora da Universidade Paulista, UNIP – SP.

• **Data:** 16/05/2006

Das 14h00 às 16h00

• **Local:** Instituto de Psicologia,
Bloco B, Sala 20

